

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

Editor—Joaquim Domingues de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2,000 por trimestre, na typographia do Paiz, largo de Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 41.

O DOMINGO.

BARANHÃO, 26 DE OUTUBRO DE 1873.

A litteratura entre nós.

Quem pretender, ainda de longe, estadal-a, tem de se resignar a digerir affontamente o jornalismo do paiz, si não atordoar-se primeiro com o clamor dos interesses que se rebaçam na mascara do bem publico; si não recuar, tomado de vertigem, ante o kaleidóscopo infernal das imagens hybridas e extravagantes da poesia, essa hoje quasi-meretriz, que revolteia ao som das gargalhadas cynicas, que repercute a imprensa diaria.

Dirão que exageramos!
Póde ser.

Abram, mostrem-nos então os catalogos dos mais acreditados livreiros do imperio, e apontem-nos ao depois qual é esse grande numero de obras que se destaca impondo a vista, e que prometta a seus autores outra reputação que não seja essa ficticia e balofa, assoprada nas columnas dos periodicos, queimando o incenso nouseabundo do louvor em bocca propria?

E' incrível, é vergenboso, confessamol-o, tanto mais quando se trata de proclamar, com toda a força dos pulmões, — que temos, já, uma litteratura completa e definitiva; mas esta é a verdade, e não seremos nós que o havemos de disfarçar, nós que ao traçarmos estas linhas nos impozemos o dever de fallar francamente, embora tenham de cair sobre nossas cabeças os epithetos de máos patriotas, maldizentes, zollos—contradicta unica que soem oppor os interessados aos poucos que nesta terra ainda possuem coragem bastante para recusar aos falsos idolos, sacrilegas adorações.

Affirmar que temos uma litteratura completa, é condemnar todo o estímulo, é tolher o vôo ao talento, dando-lhe o falso bello por modelo e reduzindo-o á impotencia.

O que se diria de um pintor que dêsse a seus discipulos telas mal acabadas por

trabalhos aprimorados, por quadros de Raphael e pinturas de Miguel Angelo? de quem dêsse um *flaut* de Verdi por uma symphonia de Mozart ou de Beethoven?

Responder-lhe-ia infallivelmente a gargalhada do ridiculo.

E será nesta perspectiva ainda licito o orgulho?

Onde vemos entre nós, puro e sincero o culto d'arte?...

Diga-se que começam nossas letras a entrar na adolescencia, e que com a exuberancia de seiva que possuem podem... hão de com certeza erguer-se á altura das grandes litteraturas europeas: isso sim! Erga-se o pharol da critica a illuminar as syrtis temerosas dos mares litterarios; haja mais dignidade, mais probidade nas letras; caia o desdém e o desprezo sobre os vergenhosos conciliabulos de elogios mutuos; e a litteratura brasileira deixará de ser o que é actualmente—uma litteratura sem fé, nem crenga; seu estylo, na maior parte, um contexto de palavras dsvairadamente serzidas. Só então consentiremos em ver nella a mais linda filha dos tropicos adornada de fulgentes pedrarias, e trescalando os suaves e inebriantes perfumes dos serões da America.

A propaganda jesuitica.

Consta-nos que o actual governador do bispado vaç, por ordem do nosso bispo, publicar o breve em que o infallivel Pio IX fulmina a maçonaria.

Duvidamos que o illustrado sr. conego dr. Manoel Tavares da Silva publique o tal breve que não tem o *placet* do governo imperial.

Na situação em que nos achamos, tal publicação importa em este bispado approvar os actos desordenados dos Srs. Laranjeira, Vital de Oliveira e Macedo da Costa, e por tanto, em dar principio a perseguição da nobre instituição que tanto tem offendido a curia romana.

Até agora imos bem e até chegamos a pensar que esta provincia escapasse do terrivel flagello que assola a de Pernambuco.

Julgavamos que o nosso terreno fosse esteril; que a semente lançada de Roma só encontrasse as arcas ardentes do Sahara e ainda duvidamos que o governador do bispado partilhe das edças ultrantontanas e que vá encorrer no desagrado do governo imperial, que acaba de dar-lhe uma prova de consideração.

Duvidamos que um filho desta terra que occupa sempre um lugar distincto na vanguarda do progresso, que um illustrado sacerdote que tem sabido grangear a estima dos seus concidadãos, seja o destinado para lançar entre nós o germe da discordia que tenta separar a Igreja do Estado.

Não. O Sr. conego Tavares não querirá para si a *palma do martyrio* que frei Vital tem sonhado.

Não cremos portanto a publicidade de tal breve ainda que nos hajam dito—que já foi lido em diversas parochias na estação da missa!

Não cremos, mas se por fatalidade a provincia tiver de arcar com a hydra do jesuitismo, demorada será o combate; não—duvidoso.

Jamais prevalecerão contra o Evangelho os raios do Vaticano.

MOSAICO.

João Chrysostomo.

PHANTASIA HUMORISTICA.

Não hade haver vinte e dois annos, existia no Pindaré um abastado lavrador chamado João Chrysostomo, o qual, não obstante o grande esmero que punha em tingir a russa cabelleira com os tonicos mais apregoados nas gazetas da capital, não conseguia disfarçar de sua pessoa os teimosos vestigios do tempo, nem esconder aos olhos dos que o viam os seus cincoenta annos de idade.

D'ahi a tristeza que o acompanhava sempre, a ponto de muitas vezes ir o preto favorito chama-lo para o almoço, e encontrar-o pallido e desfigurado pela vigilia defrente de um espelho.

João Chrysostomo era um martyr!

Ha homens assim!

Deside que abrem os olhos á luz do mundo social; se veem presa de uma força irresistivel e occulta, que parece comprazer-se em obstar-lhes os maiores desejos, as mais ardentes ambições.

João Chrysostomo sentia no peito um vulcão de amor; mas esse amor era vago, impalpavel, indefinido, sem objecto. Vagando, ha tanto, nesta esphera sublunar, não encontrára ainda uma alma e impassiva e terna incarnada n'um corpo de mulher, que consentisse em ser o alvo de suas adorações.

E, oh! entretanto, de quantos sacrificios não era susceptivel aquelle coração!

não sintas o doce pranto
que chora a noite por mim.
As minhas trovãs são tristes...
dorme, dorme, seraphim!

Setembro de 1873.

D. S.

Eu ou tu!

Quando as vezes na janella,
tua mão na minha apertando,
fitava os olhos no espaço
tua doce voz escutando,

perguntava à minha estella
que luzia lá no céu
quem mandaria algum dia:
si eras tu ou era eu

Ella temia dizer-me,
mudava a triste de cor,
e tua voz namorada
fallava tanto de amor.

que eu olvidava o futuro
nos vaticínios do céu...
Tu juravas ser só minha:
que mais desejava eu?

Mas ah, bem cedo me tastei
coração que me querias.
Labio cheio de carícias,
onde o amor que prometias?

Diga a estrelinha da noite
lá de um cantinho do céu,
já que o futuro é sabido,
—qual de nós dois se esqueceu...

Maranhão, 1872.

M. L.

Ao luar.

(no bosque.)

Eu vi-te, ó bella, pensativa e pallida
mirando a lua que no céu fulgia,
A fronte pura reclinavas languida
à fresca sombra do palmar em flor.
Já cedias doente ao nago influxo
que na terra espalhava a argentea Diva,
quando vi-te de longe arfar o seio
e ergues-te de súbito, saltando
por sobre os hombros as madeixas d'ouro...
Não te assustes, formosa; não recees...
—Era da triste brisa o doidejante sopro
que d'entre as azeas do jasmin e rosas
furtivo te espiritando emmanada,
meigo enloava uma canção d'amores.
Tu sorristes e coraste ouvindo-a longe,
mas depois, para o céu ergues-te a fronte
e olhando a lua lá no céu fulgindo,
em teu largo a cabeça reclinaste
e a pouco e pouco adormeceste rindo.

Amor e saudade.

(AO MEU AMIGO JOSE LÉZIO).

Eu vejo a aurora illum nar os prados
Vejo nos campos desabrochar a flor,
E só não vejo no meu peito triste
Florir de novo meu primeiro amor.

Entre a folhagem quando à noite assoma
Da linda lua o solitario alvor,
Furtivo irrompe-se da face o pranto
—Does saudades do primeiro amor.

Passou veloz, como nos mares passa,
Leve barquinha sem fazer rumor,
Essa visão tão vaporosa e linda
A quem sagrei o meu primeiro amor.

Os dias passam e com elles murcha
Vejo no galho desfolhar-se a flor...
Ah! quem me dera que eu levasse a campa
Essa lembrança de um primeiro amor.

ECHOS URBANOS.

As pretas vendedeiras de peixe, fructas,
dores, etc. preparam para as bandas das
barraquinhas um *meeting* para pedir a
assembléa do anno proximo a abolição do
imposto, que a do anno passado, na sua
celebre *lei do orçamento*, lançou sobre os
seus taboleiros, etc.

Sabendo disto, alguns autores da tal lei
se empenharam com pessoas influentes
do protesto a fim de não realizarem sem-
elhante idéa, com promessa de indem-
nisação, quando por ventura forem elles
receitados. De resultade daremos noticia.

Estão quasi concluidos os concertos do
jardim botânico, sob a direcção do Sr. al-
feres Gomes d'Azevedo.

Quem viu aquelle jardim ha mezes atrás
e quem o vê hoje, parece que viu vasta
necropole e que vê *Palmyra* ressurgindo
das areias do deserto.

E' que o Sr. Azevedo, é um genio em-
prehendedor; depois de velho dedicou-se
a botânico, estudou frei Velloso e adop-
tou como filho extremoso o nosso jardim,
que jazia abandonada.

O Sr. Azevedo é um bom pae, ama os
seus filhos igualmente; não se esquece do
seu velho *baluarte*, que tambem seja dito,
é um bom filho.

Convidamos aos nossos leitores para
um passeio ao jardim.

Inaugurou-se no dia 21 a bibliotheca
militar, no quartel do Campo d'Ourique.

Si não resfriar tanto ardor em presen-
ça ou ausencia absoluta de algumas con-
decorações, folgamos em antever para a
louvavel instituição um bonito futuro.

Dizem que o Sr. Keller acabando de
exhibir os seus interminaveis quadros, abre
um gabinete para extrair *callos* de todas
as pessoas que frequentaram o theatro.

Tem que tirar muito callo.

Ha gente que com esta noticia e por
ter comprado um bilhete de platéa, julga-
se com direito de *callotear* a humanida-
de, fiada no Sr. Keller.

Quem quizer apreciar o homem no es-
tado primitivo, chegue á fonte do *Mamo-
im*, onde se exhibem quadros vivos.

A camara podia aproveitar aquillo para
uma galleria de bellas artes.

A policia não se tem envolvido com os
taes quadros, por ja haver talvez advi-
nhado o plano municipal.

Si é assim... viva a camara.

Os habitantes do *beco do semina-
rio* pedem a intervenção da policia para
os castigos immoderados que certa *enxada*
 applica numa pobre escravinha.

Os moradores da rua de S. Pantaleão
pedem tambem á policia que se lembre
delles com uma patrulha que possa con-
ter os desordeiros que se reúnem na ta-
verna que fica defronte das ruínas de um
sobrado.

O escriptor Lobato vai, segunda nos
dizem, reemprimir a sua «Virgem da Ta-
pera».

O popular romance tem sido traducido
em algumas linguas.

O distincto sr. Fernando de Noronha
vai tambem publicar um livro importante.
Por ora não podemos dizer qual o as-
sumpto.

O *Novo Mundo*, ja mandou buscar, por
lithographar, o retrato deste distincto ma-
ranhense tam pouco conhecido na sua
terra, onde vive modestamente.

Hontem houve expectaculo no S. Luiz
em beneficio da bibliotheca militar e do
mestre da banda de musica do 5.º ba-
lhão.

EXPEDIENTE.

Recebemos os primeiros numeros da
Republica das lettras, pequeno jornal litera-
rio escripto na provincia do Pará.

Agradecemos a sua redacção e em
ca mandamos o nosso *Domingo*.

Aos Srs. assignantes.

O *Domingo*, com quanto deixasse a
redacção um moço talentoso, o sr. Al-
fredo Queiroz, incançavel fidador, aquillo
este jornal deve grande parte da sua exis-
tencia, não desaparece todavia da arena
jornalistica.

Dos Srs. assignantes depende tudo.
esperamos que nos dispensem a mes-
protecção que até esta data tem-nos pro-
tado, certo de que esforçar-nos-hemos
bem merecet a.

Do Editor.